

**BRASIL**  
ESSA É A NOSSA PRAIA

# CARTILHA DE GESTÃO DE ORLAS TURÍSTICAS:

ESTUDOS DE CASO EM 10 DESTINOS BRASILEIROS



**UFERN**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Presidente

**Celso Sabino de Oliveira**

Ministro de Estado do Turismo

**Milton Sergio Silveira Zuanazzi**

Secretário Nacional de Planejamento, Sustentabilidade e Competitividade no Turismo

**Renata Sanches**

Diretora do Departamento de Qualidade, Sustentabilidade e Ações Climáticas no Turismo

**Carolina Fávero de Souza**

Coordenadora-Geral de Sustentabilidade e Ações Climáticas no Turismo

**Laís Campelo Corrêa Torres**

Coordenadora de Turismo Responsável

COORDENAÇÃO E REVISÃO TÉCNICA – MTUR

**Carolina Fávero de Souza**

**Laís Campelo Corrêa Torres**

**Regina Motta**

COORDENAÇÃO DO PROJETO “BRASIL, ESSA É A NOSSA PRAIA” – UFRN

**Leilianne Michelle Trindade da Silva Barreto**

**Ricardo Lanzarini**

REVISÃO CIENTÍFICA – UFRN

**Leilianne Michelle Trindade da Silva Barreto**

PESQUISADORES – UFRN

**Michel Jairo Vieira Araújo da Silva**

**Stella Magaly de Andrade Sousa**

DIAGRAMAÇÃO

**Jeferson Rocha**

ILUSTRAÇÕES

**José Marinho Neto**

PROJETO GRÁFICO

**Caule de Papiro**



**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

**Vice-Reitor**

Henio Ferreira de Miranda

**Diretoria Administrativa da EDUFRN**

Maria das Graças Soares Rodrigues (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

**Conselho Editorial**

Maria das Graças Soares Rodrigues (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques



**Secretária de Educação a Distância**

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

**Secretária Adjunta de Educação a Distância**

Ione Rodrigues Diniz Morais

**Coord. de Produção de Materiais Didáticos**

Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

**Coordenador Editorial**

Maurício Oliveira Jr

**Gestão do Fluxo de Revisão**

Fabiola Barreto Gonçalves

**Gestão do Fluxo de Editoração**

Maurício Oliveira Jr

GOVERNO FEDERAL  
MINISTÉRIO DO TURISMO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

# CARTILHA DE GESTÃO DE ORLAS TURÍSTICAS:

ESTUDOS DE CASO EM 10 DESTINOS BRASILEIROS



  
**edufrn**  
Editora da UFRN

Natal, 2024



Fundada em 1962, a Editora da UFRN permanece dedicada à sua principal missão: produzir impacto social, cultural e científico por meio de livros. Assim, busca contribuir permanentemente para uma sociedade mais digna, igualitária e inclusiva.

Publicação digital financiada com recursos do Fundo Editorial da UFRN. A seleção da obra foi realizada pelo Conselho Editorial da EDUFRN, com base em avaliação cega por pares, a partir dos critérios definidos no Edital nº 01/2023/PPG/EDUFRN/SEDIS, para linha editorial Publicação Técnico-científica.

Catálogo da publicação na fonte  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Secretaria de Educação a Distância

Cartilha de Gestão de Orlas Turísticas : estudos de caso em 10 destinos Brasileiros [recurso digital] / coordenado por Leilianne Michelle Trindade da Silva Barreto e Ricardo Lanzarini. – Natal : SEDIS-UFRN ; Brasília : Ministério do Turismo, 2024. 2650KB : il.; 1 PDF

ISBN 978-65-5569-467-3

Projeto Brasil, essa é nossa Praia!

1. Turismo. 2. Turismo – Gestão de Orla. 3. Plano Integrado da Orla. I. Barreto, Leilianne Michelle Trindade da Silva. II. Lanzarini, Ricardo.

CDU 338.48  
C327

Elaborado por Edineide da Silva Marques – CRB-15/488

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN  
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário  
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil  
e-mail: [contao@editora.ufrn.br](mailto:contao@editora.ufrn.br) | [www.editora.ufrn.br](http://www.editora.ufrn.br)  
Telefone: 84 3342 2221

# Carta de Apresentação

O turismo é um fenômeno em expansão com grande potencial de desenvolvimento no território brasileiro. Para proporcionar resultados positivos para as regiões e localidades turísticas, torna-se primordial a promoção de um modelo de gestão capaz de orquestrar os diversos interesses e necessidades na busca por soluções cooperadas que suportem o fortalecimento do turismo responsável, visando à melhoria da segurança turística e qualidade de vida das comunidades receptoras e comprometendo-se com o desenvolvimento social e humano das localidades onde o turismo acontece.

Nessa conjuntura, o Ministério do Turismo instituiu como uma de suas linhas de ação prioritárias o incentivo ao turismo responsável, que pode ser entendido como uma forma de alcançar o equilíbrio entre a sustentabilidade ambiental, social e econômica, prezando pelo respeito ao meio ambiente, à justiça social e à valorização da cultura e da economia local do destino, inserindo a comunidade como protagonista do desenvolvimento turístico do seu território.

O Projeto “**Brasil, essa é a nossa praia!**” surge alinhado com essa proposta, visando atuar de forma sinérgica e complementar às ações do Governo Federal para o desenvolvimento e a gestão turística responsável do território nacional, incluindo ações diretas em localidades banhadas por orlas federais e a produção de materiais orientadores, com o intuito de sensibilizar gestores públicos e privados, comunidade local e visitantes para a adoção de práticas de turismo responsável, com foco em três grandes dimensões: sustentabilidade, turismo de base comunitária e segurança turística.

O Projeto é fruto de uma parceria entre o Ministério do Turismo e o Departamento de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), compreendendo um conjunto de mais de vinte ações de abrangência nacional. Entre os principais produtos, é possível citar: o desenvolvimento de estudos e proposição de estratégias de fomento ao turismo responsável; o mapeamento de boas práticas de turismo responsável; a produção de materiais orientadores, como manuais, guias ilustrados, ebook e vídeos explicativos; a disponibilização de curso de extensão EaD sobre turismo responsável; e o

desenvolvimento de Planos de Gestão Integrada da Orla (PGIs) em dez destinos turísticos nacionais.

Assim, o Projeto “**Brasil, essa é a nossa praia!**” vem trazer uma contribuição direta para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, mitigando os impactos negativos da atividade turística, tanto nos destinos contemplados pelo Projeto quanto por meio de modelos de gestão turística a serem adotados no país, ampliando as orientações de desenvolvimento responsável do turismo em nível nacional.

Ministério do Turismo e Projeto “**Brasil, essa é a nossa praia!**”.

# Sumário

<b>Carta de Apresentação</b> .....	6
<b>1. Introdução</b> .....	9
<b>2. Sensibilização para o Turismo</b> .....	11
<b>3. Visita Técnica</b> .....	14
<b>4. Levantamento de atores e estratégias de mobilização</b> .....	16
<b>5. Oficinas de nivelamento</b> .....	18
<b>6. Logística</b> .....	21
<b>7. Oficinas de planejamento: metodologias de condução</b> .....	25
<b>8. Instrumentos resultantes do processo de planejamento participativo</b> .....	28
<b>9. Alertas</b> .....	31
<b>10 Considerações finais</b> .....	33

# 1. Introdução



Caro(a) gestor(a),

As experiências relatadas nesta cartilha têm o intuito de contribuir com a sua atividade de pensar caminhos, ultrapassar desafios e colocar em prática ações para alcançar um cenário de preservação e desenvolvimento das orlas turísticas no seu município.

As orlas, sejam marítimas, fluviais, lacustres ou estuarinas, se apresentam como territórios com variadas possibilidades de uso e ocupação. A atividade humana pode causar danos aos sistemas ecológicos e sociais das orlas, mas também pode permitir a sua utilização como importante recurso para a geração de riqueza. O turismo representa uma das vias de consecução desse objetivo, sendo capaz de contribuir também para a manutenção das suas condições naturais e culturais.

Apesar disso, as orlas são ambientes sensíveis, que englobam vários interesses para além do turístico. Atores e atividades de alto investimento e impacto como o setor petrolífero, de transporte e portuário, mas também comunidades tradicionais, pescadores, marisqueiras, rendeiras, grupos culturais, entre outros, fazem parte e devem participar do processo decisório (gestão) que envolve o futuro dessa orla. Desse modo, são necessárias estratégias para que essa gestão seja participativa e plural, garantindo

a preservação do meio ambiente, dos modos de vida tradicionais, das atividades econômicas e das vocações turísticas.

No Brasil, especificamente, a orla é o principal atrativo turístico, em razão da diversidade de ambientes e belezas, aliadas ao clima ameno e às culturas e tradições singulares existentes nesses espaços, promovendo o turismo de sol e praia como segmento mais expressivo. Mas é preciso ressaltar outras atividades possíveis e presentes nessa orla, como turismo de pesca esportiva, de eventos, ecológico, de aventura, náutico, cultural, com ênfase em práticas responsáveis e sustentáveis de turismo.

A seguir, serão apresentadas estratégias de sucesso na condução do Planejamento Participativo de Gestão de Orlas de 10 municípios turísticos integrantes do Projeto “Brasil, essa é a nossa praia!” (BNP), promovido pelo Ministério do Turismo. No comando dessas experiências, entre os anos de 2021 e 2023, a equipe do Projeto (ligada ao Departamento de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) colecionou aprendizados e alertas que você verá nas próximas páginas desta cartilha.

Os municípios foram selecionados por meio de edital público, contemplando orlas marítimas, estuarinas e fluviais de municípios de três regiões do Brasil: Barreirinhas/MA, Cruz/CE, Natal/RN e Salvador/BA, representando o Nordeste; Angra dos Reis/RJ, Cabo Frio/RJ, Paraty/RJ, São Sebastião/SP e Vila Velha/ES no Sudeste; e Imbé/RS na região Sul.

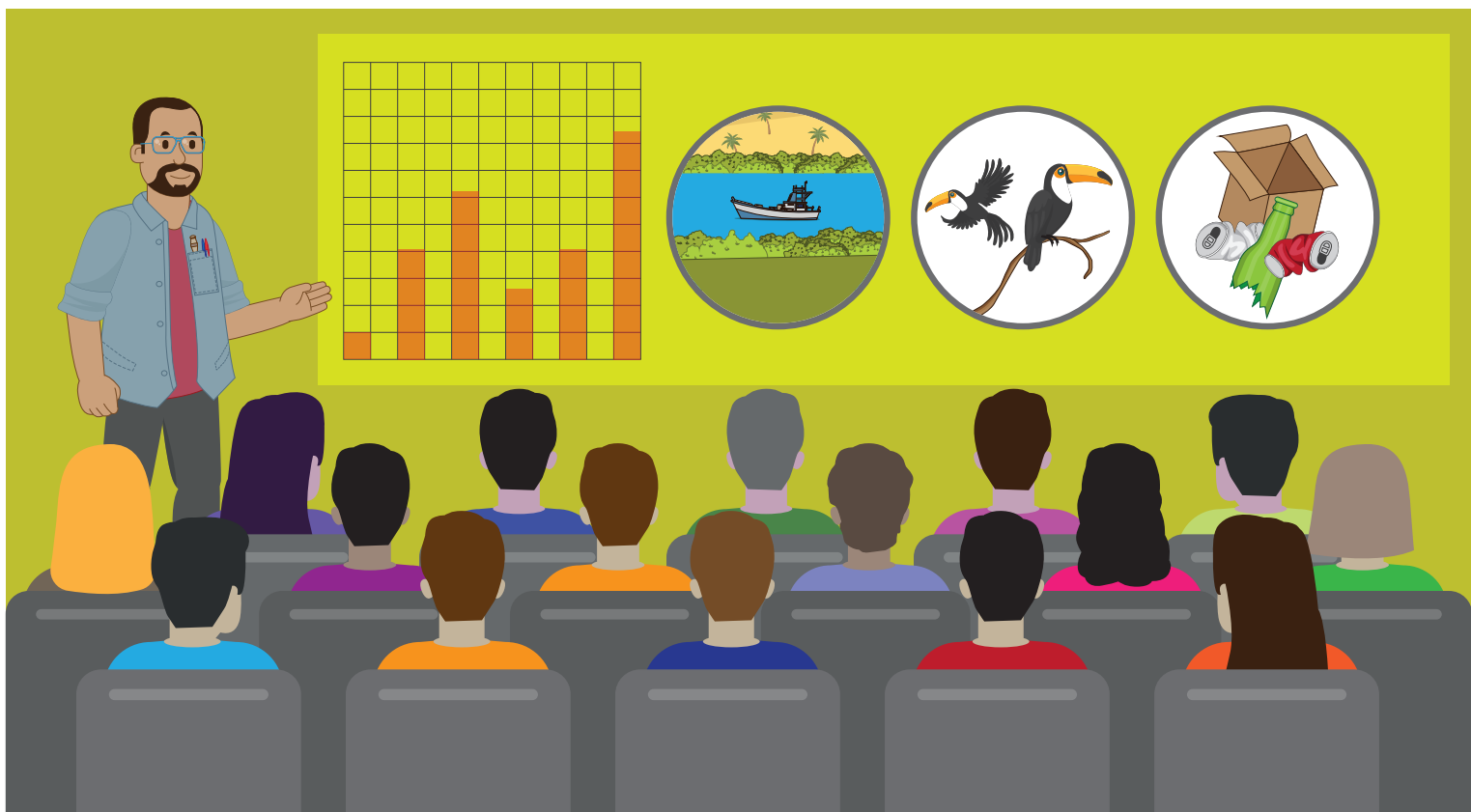
Cabe esclarecer que, das várias metodologias que podem ser aplicadas no planejamento e na gestão de orlas turísticas, as experiências relatadas nesta cartilha basearam-se na aplicação da Metodologia do Projeto Orla<sup>1</sup> do Governo Federal.

Que você tenha uma proveitosa leitura!

---

<sup>1</sup> [https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/patrimonio-da-uniao/destinacao-de-imoveis/gestao-de-praias/projeto\\_orla\\_manual-para-elaboracao-do-plano-de-gestao-integrada-da-orla.pdf](https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/patrimonio-da-uniao/destinacao-de-imoveis/gestao-de-praias/projeto_orla_manual-para-elaboracao-do-plano-de-gestao-integrada-da-orla.pdf)

## 2. Sensibilização para o Turismo



Como a gestão de orla envolve comumente a atividade turística, no processo de planejamento é aconselhável trazer os temas do turismo para o debate. Sugerimos a você, gestor(a), que um dos primeiros passos seja a realização de oficinas de sensibilização que atuem como uma espécie de “aquecimento” participativo com aprofundamentos sobre o fenômeno turístico. Buscar apoio de professores de instituições de ensino técnico e superior em turismo pode auxiliar na exposição dos temas.

No Projeto “Brasil, essa é a nossa praia!”, a atividade de sensibilização foi desenvolvida por meio de encontros virtuais com duração de 4 horas, conduzidos pela equipe de professores vinculados ao Projeto, na fase que antecedeu a realização de oficinas de planejamento participativo. Além do compartilhamento de conhecimentos, o momento era uma oportunidade de integração com os gestores locais e lideranças, que atuavam como agentes mobilizadores de participantes para as etapas seguintes do processo.

Nas 10 oficinas, o conteúdo básico sobre turismo era dedicado a:

- ◆ **Conceitos de Turismo**, reforçando a inter-relação entre os atores da atividade, além de abordar espaços, equipamentos e serviços turísticos presentes nas orlas.
- ◆ **Tipos de Turismo** que ocorrem ou podem ocorrer nas orlas brasileiras, enfatizando potencialidades como: grande extensão, diversidade paisagística e reconhecimento internacional. Nesse momento – para valorizar os saberes locais –, os participantes eram convidados a elencar os tipos de turismo que identificavam na orla dos seus municípios, os quais eram discutidos frente à teoria.
- ◆ Debate crítico sobre os **impactos da atividade**, sejam positivos ou negativos, convidando os participantes a refletirem. Foi destacada a importância do planejamento participativo do turismo como um instrumento para: valorizar o meio ambiente; gerar emprego, renda, empreendedorismo local; reconhecer o patrimônio cultural e histórico do destino; promover a integração de turistas e residentes em espaços públicos compartilhados; gerar maior arrecadação para o poder público, desdobrando-se em investimentos em educação, saúde, segurança, infraestrutura – qualidade de vida dos residentes; promover uma governança turística transparente, participativa e contínua. Na mesma medida, os participantes foram convidados a refletirem sobre a face degradante de um planejamento turístico inadequado, com temas como: sobrecarga de fluxo turístico e degradação da natureza; oferta de subempregos, aumento da inflação e grande remessa de lucros para o exterior; desrespeito às tradições locais e aculturação; implantação de um modelo de turismo segregador, permitindo a coexistência de duas cidades – a do turista e a do residente; marginalização de grupos, especulação imobiliária desenfreada, exploração infanto-juvenil; culminando com a centralização do poder e falta de representatividade nos processos decisórios sobre o turismo, além de insegurança institucional de projetos e ações nas orlas turisticadas.
- ◆ Análise do **Ciclo de Vida de Destinos Turísticos** (BUTLER, 1980), além de turismo responsável. Na oportunidade, apontou-se preceitos de ética e responsabilidade socioambiental, ambos presentes na interpretação sobre turismo responsável, termo que também conta com bases importantes advindas do Turismo de Base Comunitária, da Segurança Turística e do Turismo Sustentável.

A abordagem desses conceitos provocou uma leva de contribuições espontâneas dos participantes, fato que possibilitou a retomada do assunto em oficinas presenciais. Como gestor(a) em orlas turísticas, você já deve ter percebido que tratar esses temas é

fundamental para um processo de tomada de decisão e planejamento coletivo, visando ao desenvolvimento de um destino turístico responsável!



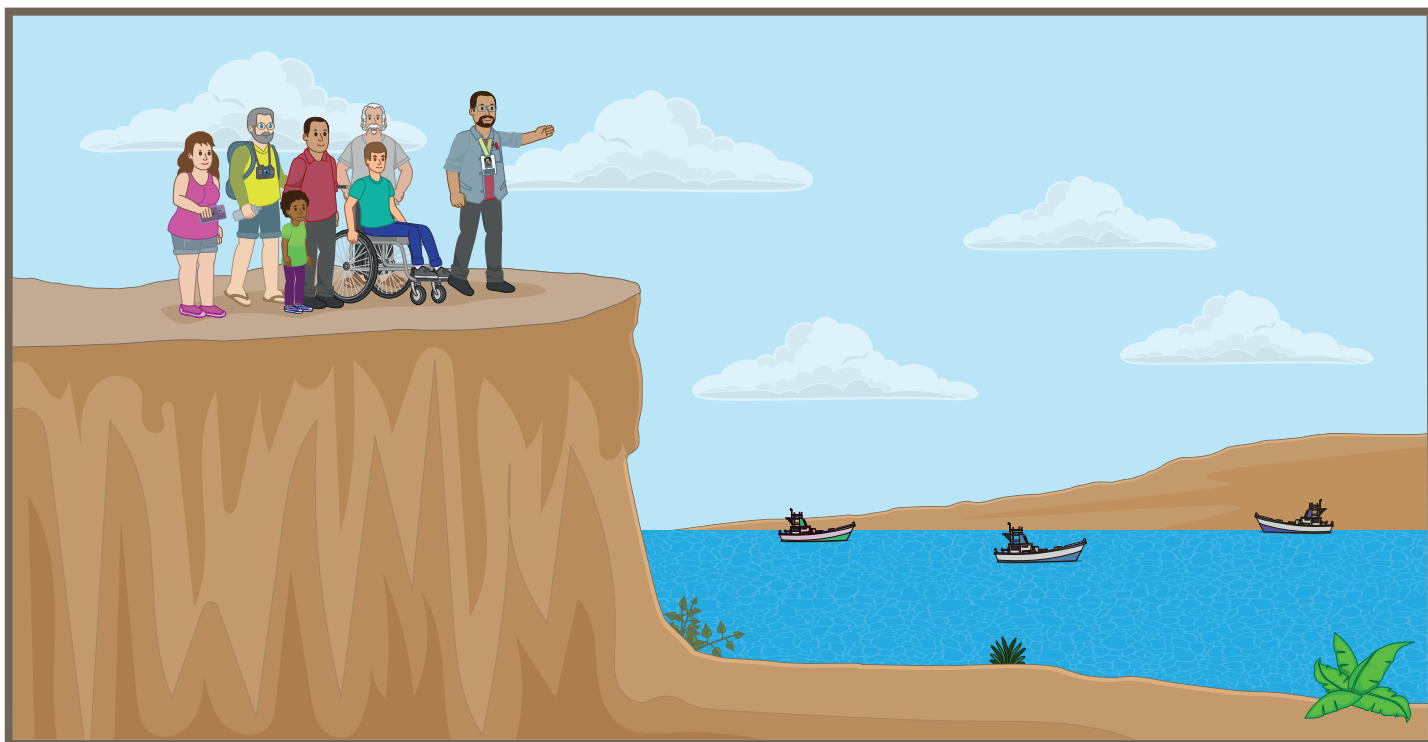
**Quer saber mais?**



**ACESSE O MATERIAL DAS OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO.**

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)

### 3. Visita Técnica



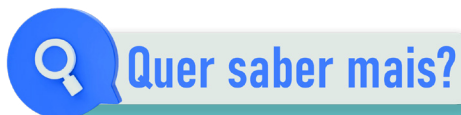
Um dos primeiros passos para o processo de planejamento da gestão da orla é levar os atores participantes desse planejamento para **conhecerem o território**, usando as lentes do observador que deve estar atento aos problemas, às potencialidades e aos usos da orla, a fim de chegar a um diagnóstico preliminar. Para isso, gestor(a), é fundamental realizar uma visita técnica com equipe de facilitadores, representantes de pastas da gestão municipal, forças armadas, pesquisadores, entre outros. A depender da realidade, das interferências de entes estaduais e federais sobre a orla, suas representações também são bem-vindas nessa etapa, a perceber: órgãos ligados à secretaria de patrimônio, ao meio ambiente, à mobilidade, à pesca, à história e à cultura, por exemplo.

Começa nessa etapa a realização de **encontros virtuais e presenciais** entre esses atores, a fim de **compartilhar documentos, mapas e preocupações** que nortearão um primeiro produto, o Diagnóstico Preliminar. Também é pertinente, durante a visita técnica preliminar, conversar com atores que estejam utilizando a orla para os mais diversos fins, por exemplo: pescadores, quiosqueiros, marisqueiras, empresários, entre outros. Essas conversas podem ser informais, porém ajudam a compor um quadro de usos da orla trazendo a percepção do dia a dia de quem a vive. E é seu papel, gestor(a),

fazer esse “meio de campo”, fortalecendo pontes para etapas seguintes, ao mesmo tempo que a equipe de trabalho coleta ricas informações.

Etapa semelhante ocorreu com a presença de facilitadores e membros do projeto BNP nos 10 municípios, para conhecer a orla a ser planejada e elaborar um pré-diagnóstico, mas também compreender a dinâmica turística observada em cada território. Essas visitas duravam em média dois dias, com intensas atividades de campo na orla dos municípios, incluindo participação de membros da comissão municipal de planejamento da orla, que discutiam e evidenciavam, *in loco*, aspectos de seus domínios, tais como **ambientais, culturais, comerciais**, mas principalmente **turísticos** da orla, dando ênfase, dentro desses aspectos, para projetos, atrativos naturais e socioculturais, além de problemas de poluição, sobrecarga e crescimento desenfreado do turismo, por exemplo.

Para auxiliar na organização da visita técnica, disponibilizamos o checklist adotado para que todos os pontos importantes da logística dessa atividade fossem contemplados, garantindo maior objetividade e organização na execução.



**Quer saber mais?**

**ACESSE O CHECKLIST PARA VISITA TÉCNICA.**

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)



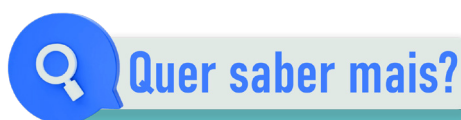
## 4. Levantamento de atores e estratégias de mobilização



Os atores que compartilham da orla, seja fazendo a sua gestão, seja atuando como comerciantes ou empresários ou usufruindo em atividades de lazer, eventos culturais, de saúde e esportivos, devem participar do seu planejamento. Assim, devem ser mobilizados permanentemente para que atuem de forma efetiva em todas as etapas do processo de planejamento e posterior execução e fiscalização das ações.

Considerando a diversidade de atores, enquanto gestor(a), você não deve esquecer que a comunicação para mobilização precisa ser realizada com antecedência e periodicidade, utilizando canais múltiplos e democráticos que consigam alcançar as especificidades de acesso a cada grupo: empresários ligados à orla, pescadores tradicionais e cooperativas de pesca, líderes comunitários e representações de banhistas e praticantes de esportes, agentes culturais e representantes dos três níveis da gestão.

Para abranger os diversos meios de comunicação, os 10 municípios participantes do projeto BNP desenvolveram múltiplas estratégias que podem inspirar, das mais tradicionais às mais inovadoras. Temos como exemplo o município de Barreirinhas/MA, que usou ostensivamente: **malas diretas** convidando virtualmente representações das 3 esferas (solicitando, inclusive, confirmação); publicação em **redes sociais** (Instagram) das secretarias do município, utilizando vídeos de representantes convocando atores locais; envios de **mensagens, fôlderes e flyers** em grupos de WhatsApp já existentes, como também criados pela própria comissão municipal para o planejamento. Em comunidades mais afastadas e com dificuldade de acesso à internet, a equipe municipal utilizou-se de diálogo, *in loco*, com **líderes comunitários** para que fizessem a convocação de seus liderados; distribuição de **panfletos** nas orlas a planejar; e circulação de **carros de som** em áreas e horários de maior circulação de pessoas.



Quer saber mais?

VEJA UM MODELO DE FOLDER:

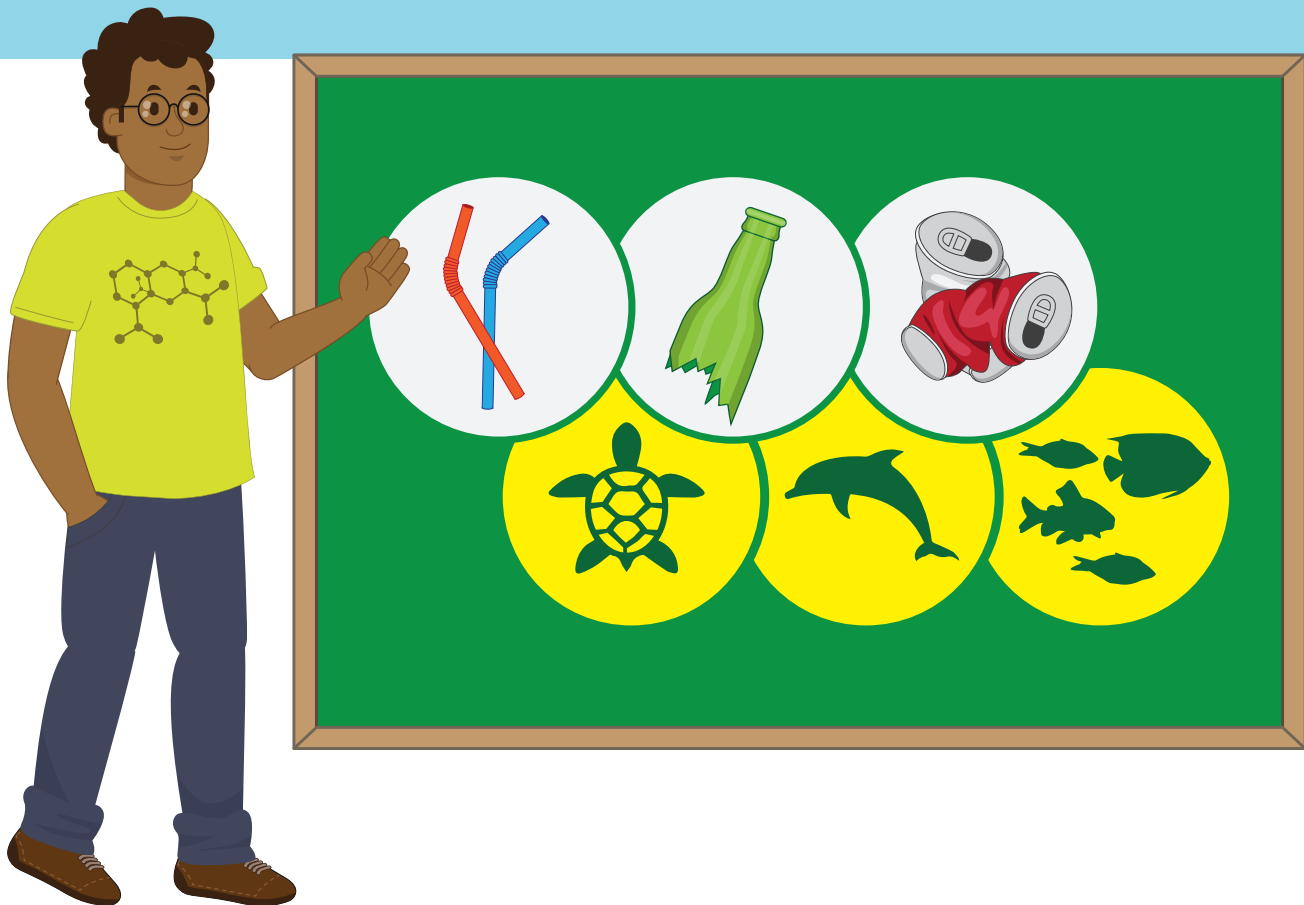
[https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2023/01/MODELO-DE-FOLDER\\_compressed.pdf](https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2023/01/MODELO-DE-FOLDER_compressed.pdf)



Na mesma linha de atuação, além de mídias digitais comumente utilizadas, como grupos de mensagens, convites virtuais em mala direta e postagens em redes sociais, o município de Paraty/RJ desenvolveu ações de divulgação e mobilização que contaram com **ligações telefônicas** para representantes de setores da sociedade, das instituições e da iniciativa privada diretamente relacionados com a orla do município; pauta em **veículos de imprensa** locais e regionais, como programas de **rádios, mídia televisiva, jornais impressos** e plataformas de **compartilhamento de vídeos** (YouTube).

No seu município, você e a equipe de gestores devem identificar as especificidades locais para decidirem quais estratégias de mobilização podem ser mais eficientes.

## 5. Oficinas de nivelamento



Com participantes tão diversos no planejamento da orla turística, os saberes também são muito diversificados e devem ser bem aproveitados. Entretanto, gestor(a), saiba que para que todos possam participar e contribuir nas discussões, o conhecimento sobre o tema “orlas” deve ser equalizado. Antes das demais etapas de ação participativa, é momento de nivelar os possíveis participantes acerca de temas centrais do gerenciamento costeiro. É possível convidar **especialistas dos setores público e privado** que tenham domínio sobre **aspectos legais** que envolvem o território, que possam trazer contribuições em painéis sobre o **ecossistema** do ambiente de orla, apresentando estudos e projetos voltados para questões sobre **patrimônio, ocupação e uso** do espaço de orla, **dinâmicas fluviais e de correntes marinhas, destinação de resíduos, poluição e balneabilidade, história, cultura, sociedade**, além do reforço em aspectos do **turismo**. Você também pode contar com a contribuição da fala de moradores a respeito de suas vivências cotidianas na orla.

Trazendo essa questão para exemplos no campo prático, nos municípios de Cabo Frio/RJ e Imbé/RS, foi implantado o evento “**Tarde da Orla**” para atender a essa função de nivelamento dos conhecimentos. Em Cabo Frio, a “Tarde da Orla” ocorreu de modo virtual e contou, em três dias intercalados, com apresentação de painéis sobre: biodiversidade e patrimônio cultural da orla; geodiversidade e vulnerabilidade em praias e lagoas; e instrumentos para gestão de orla. Já Imbé realizou a “Tarde da orla” de modo presencial, na Câmara dos Vereadores do município, tratando de temas como: geodiversidade e ocupação; biodiversidade da orla marítima e estuarina; além de instrumentos para a gestão da orla marítima e estuarina. As duas experiências tinham como público-alvo gestores públicos, além de prestadores de serviços turísticos, comunidade e visitantes. Os painéis foram apresentados por pesquisadores de universidades, representantes ligados à Gestão de Recursos Hídricos e representantes do poder público estadual.



**Quer saber mais?**

ACESSE A TARDE DA ORLA NOS MUNICÍPIOS

#### **CABO FRIO/RJ**

Dia 1 - <https://fb.watch/mapaXVyucs/?mibextid=v7YzmG>

Dia 2 - <https://fb.watch/map96jZxvv/?mibextid=v7YzmG>

Dia 3 - <https://fb.watch/map6HeebhV/?mibextid=v7YzmG>

#### **IMBÉ/RS**

<https://www.youtube.com/watch?v=Y4ioxfB-Be4>

Apresentando um outro exemplo, o município de São Sebastião/SP ofertou, como proposta de nivelamento, uma minioficina noturna e virtual de **Sensibilização e Nivelamento de Informações/Conhecimentos de Atores**. Na oportunidade houve falas do Gestor de Praia municipal, apresentação institucional de representante do órgão Federal da Gestão de Praias, pesquisador tratando de gestão e governança de orla, além de facilitadores especializados em atuar com equipes municipais na gestão das orlas, tratando de calendário de etapas de planejamento. De modo virtual, em São Sebastião, ainda foi realizado um ciclo de **Webinários** com o objetivo de informar e nivelar novos participantes sobre a orla, à medida que gerava maior mobilização, contando com a presença e o debate com moradores, pesquisadores, representantes de setores produtivos e de órgãos das 3 instâncias de governo, tendo em sua programação painéis defendidos por servidores da Secretaria de Patrimônio da União – SPU – e Ministério do Turismo.



Quer saber mais?



**ACESSE O WEBINÁRIO EM SÃO SEBASTIÃO.**

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)

Na cidade de Salvador/BA, trazemos a você uma experiência semelhante de nivelamento, de modo virtual, que ocorreu via YouTube. Destacamos a experiência de dois dias que contemplaram **minioficineas noturnas intermediárias**, visando apresentar os resultados parciais de etapas participativas, mas também para legitimar entre os presentes os resultados já alcançados no processo de planejamento. Esse tipo de minioficina garantiu, além de conhecimento e mobilização, a otimização de tempo na retomada de etapas participativas seguintes.

Veja que há muitas maneiras de promover o nivelamento de participantes do processo de planejamento da gestão das orlas do seu município. Basta se inspirar nessas experiências e partir para a ação.

## 6. Logística



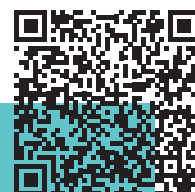
A logística do processo de planejamento de modo participativo exige organização, a qual deve primar pela descentralização de responsabilidades, exigindo uma equipe (comissão municipal) que esteja incumbida de atender às demandas de transporte, local de realização de atividades participativas, alimentação, transmissão online, **construção e atualização de site**, podendo ser idealizada uma marca para o projeto, dentre outras necessidades.



Quer saber mais?

VEJA O GUIA - SUPORTE PARA ELABORAÇÃO DO SITE.

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)



Quando se trata de eleição de local para realização presencial de atividades participativas (como oficinas, por exemplo), é preciso levar em consideração as condições **infraestruturais do prédio**: capacidade de recebimento de participantes, climatização, iluminação, acessibilidade, equipamentos de multimídia, segurança, condições e quantidade de banheiros, bebedouros, limpeza e manutenção do ambiente, vagas para estacionamento. Para além disso, você e sua equipe devem, estrategicamente, escolher um local de **fácil acesso** aos participantes que se deslocam em veículos próprios, mas principalmente daqueles que dependem de transportes públicos. A depender das dificuldades de deslocamento de um grupo de participantes, cabe **viabilizar transporte** para essas pessoas, ou ainda refletir sobre a possibilidade de realizar encontros participativos descentralizados. O tema **alimentação** também é necessário ser pensado nesse momento de escolha de local, tendo em vista a necessidade dos participantes de – em momento de intervalo – buscarem opções diversas (modos e preços) de refeições.



**Quer saber mais?**

CLIQUE E ACESSE O CHECKLIST DE LOGÍSTICA PARA OFICINAS PARTICIPATIVAS.

[Checklist Oficina 1](#)

[Checklist Oficina 2](#)

O local de realização das oficinas participativas no município de Vila Velha/ES é um bom exemplo de parcerias com o propósito de oferecer adequadas estruturas para um evento desse porte, como também o favorecimento a um fácil acesso de participantes e entorno com opções de alimentação. Naquele município a equipe de gestão optou pelo uso de **unidade universitária** privada, cuja estrutura atendia às demandas de realização do evento: localização em bairro central, reunia diversas linhas de transporte interurbano e locais para estacionamento, e seu entorno dispunha de ofertas diversificadas de restaurantes, bares, lanchonetes e padarias.

Destinos como Angra dos Reis/RJ, Barreirinhas/MA, Salvador/BA possuem orlas em **formações insulares ou regiões mais isoladas** como a Ilha Grande, Atins e Mandacaru, e Ilha dos Frades, respectivamente. O desafio desses municípios era garantir a participação tendo como público comunidades mais isoladas que teriam dificuldade de acessar as sedes municipais. Desse modo, desenvolveram **oficinas descentralizadas**, ora simultâneas, ora intercaladas às realizadas nas sedes. Não por isso a escolha dos locais de realização deixou de contemplar todas as necessidades infraestruturais básicas. Em Angra dos Reis foi possível fazer parceria com meio de hospedagem, que disponibilizou uma sala de reuniões, e com o parque estadual, que cedeu seu auditório; em Atins

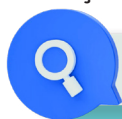
foi utilizado templo religioso, Mandacaru abriu as portas da colônia de pescadores, e Ilha dos Frades disponibilizou aos participantes um espaço privado de eventos sociais.

São Sebastião/SP, reconhecendo a configuração territorial extensa de sua orla, promoveu atividades participativas também descentralizadas, elegendo lugares diversos para contemplar setores das orlas e comunidades mais distantes da sede, sendo possível realizar parcerias com biblioteca municipal, instituições de ensino e meios de hospedagem. Em todas as experiências descentralizadas, em algum momento, representantes das orlas mais distantes eram **levados à sede para legitimação** de suas ações de planejamento diante dos demais participantes de outras comunidades e setores de orla.

A alimentação dos participantes durante as atividades, conforme indicado, também deve ser planejada. No caso de atividades que durem apenas **um turno**, é necessário providenciar um **coffee break**, com oferta mínima de água mineral, café e algum alimento de consumo rápido (bolacha, biscoito, bolo, pães, frutas etc.). Em atividades com **duração mais extensa**, a preocupação é oferecer aos participantes – especialmente aqueles com dificuldade de retorno à sua residência e restrição de recursos – algum tipo de **refeição** entre turnos. Isso tudo para garantir permanência e qualidade de participação.

Todos os municípios ofertaram em suas atividades algum tipo de alimentação para os participantes. A experiência do município de Natal/RN traz dois bons exemplos. Em uma etapa participativa em que o local escolhido era mais isolado, o município ofereceu um **buffet de almoço** para todos os presentes (necessitando inclusive de espaço adequado para disposição de mesas e cadeiras). Em segunda etapa, reconhecendo a dificuldade de acesso anterior, o evento ocorreu em **local mais central** (sede do SESC) e a comissão municipal **negociou** para os participantes a **refeição** do local com **preço** ainda **mais popular**.

Acreditando na **transparência e no registro** dos encontros, mas também buscando alcançar aqueles que estejam impedidos de se fazerem presentes, a transmissão online dos encontros é uma boa alternativa. Nesse sentido, gestor(a), você e sua equipe devem se preocupar com as **condições de rede** do local escolhido para realização do evento. Mas não só isso, normalmente conta-se com o apoio de equipe de comunicação do município ou empresa terceirizada para viabilizar a transmissão. Com uma sala virtual, aparelho de celular com configuração moderna (imagem e sonorização), equipamentos multimídia e pessoal responsável para manusear os equipamentos e movimentar interação virtual com participantes, é possível executar tal tarefa.



**Quer saber mais?**

ACESSE O GUIA – SUPORTE DE TRANSMISSÃO.

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)



Com apoios e acessos diferentes, os municípios de Cabo Frio/RJ, Cruz/CE e Vila Velha/ES fizeram transmissões online que podem inspirar. Em Vila Velha, o apoio veio da **parceria com o local** escolhido para as oficinas participativas (unidade universitária privada), que dispunha de toda a estrutura, física e de apoio, para a realização da transmissão, com equipamentos profissionais e pessoal técnico especializado. Já o município de Cruz **terceirizou o serviço** de transmissão e monitoramento de interação da sala virtual, o que deu à comissão municipal maior liberdade para atuar em outras demandas. Em Cabo Frio, apesar da utilização de equipamentos não profissionais, mas com **articulação interna** da equipe municipal, a transmissão ocorreu de modo adequado e satisfatório, assim como nos exemplos anteriores.

No caso dos municípios participantes do BNP é possível assistir às transmissões das oficinas, que estão atualmente disponíveis na plataforma de compartilhamento de vídeo YouTube.



#### **VEJA AS TRANSMISSÕES DE ALGUMAS OFICINAS**

##### **1º DIA DE OFICINA EM CABO FRIO**

<https://www.youtube.com/watch?v=xRWmDeAsnDk>

##### **1º DIA DE OFICINA EM CRUZ**

<https://www.youtube.com/watch?v=Rm84hzAK6uU>

##### **1º DIA DE OFICINA EM SÃO SEBASTIÃO**

<https://www.youtube.com/watch?v=EV45iSCVTPA>

##### **1º DIA DE OFICINA EM VILA VELHA**

<https://www.youtube.com/watch?v=p2Qwz-icsJA>

O Projeto “Brasil, essa é a nossa praia!” produziu diversos documentos para auxiliar o planejamento das etapas, os quais podem ser utilizados e adaptados em outras experiências. Esses documentos podem ser encontrados no site do projeto [www.brasilnossapraia.ufrn.br](http://www.brasilnossapraia.ufrn.br) e podem servir de inspiração para o planejamento das atividades no seu município.

## 7. Oficinas de planejamento: metodologias de condução



Continuando no passo a passo da implantação de um processo de planejamento de gestão de orlas, trazemos a você, gestor(a), algumas indicações de formas de condução dos debates ao longo desse processo. As oficinas de planejamento são atividades participativas que ocorrem no processo de elaboração do plano de gestão da orla turística. Esse formato de oficina permite a **construção coletiva de saberes**, mas também **projeções de futuro** que devem nortear a execução do plano de ação. Essas oficinas podem ocorrer de maneira bastante diversa, contando com trabalho de campo, similar à visita técnica que ocorre na fase preliminar, envolvendo todos os participantes. Mas ocorrem principalmente por meio de **encontros presenciais ou híbridos em dias consecutivos ou alternados**, ou em dias específicos em semanas diferentes, podendo ocorrer também em finais de semana, utilizando de um turno (manhã, tarde ou noite), ou até mesmo em dois turnos (manhã e tarde ou tarde e noite), a depender das especificidades e necessidades da localidade, da maioria do público participante e das representações de órgãos não sediados no município.

É importante que seja elaborada uma **agenda**, que deve ser discutida e previamente aprovada pelos possíveis participantes, além de divulgada ostensivamente. Seja de modo presencial ou virtual, os participantes devem organizar-se para estarem

presentes durante toda a oficina, evitando participações “relâmpago”, que podem dificultar a fluidez do debate e encaminhamentos.

Grande parte das oficinas de planejamento participativo, no âmbito do projeto BNP, ocorreram de **modo híbrido**, ou seja, presenciais, mas com transmissão online dos principais acontecimentos, sendo possível a interação de participantes virtuais em tempo real. Porém, ao se tratar de escolha sobre sequência ou alternância de dias, considerando a especificidade local, a maioria dos municípios optou por duas etapas de oficinas em dias consecutivos (entre 3 e 5 dias), com intervalo de aproximadamente 1 mês entre as etapas.

Já outros municípios elegeram formatos mais flexíveis e inovadores, com oficinas também ocorrendo em duas etapas, cada etapa subdividida em dois blocos, como é o caso de Paraty/RJ, que teve seu calendário da primeira etapa realizada de quinta e sexta em uma semana e de quarta a sexta na semana seguinte, critério também utilizado na segunda etapa da oficina, realizada um mês depois da primeira etapa. O entendimento dos facilitadores do município era de que o **fracionamento** permitiria maior mobilização dos primeiros presentes que trariam novos participantes na semana seguinte, como também as lideranças presentes teriam tempo de articular e amadurecer com seus pares, entre uma semana e outra, problematizações, ideias e sugestões para levar à oficina. No caso de Paraty também foi importante para os participantes essa configuração de dias, por reduzir o impacto em ausências nas suas atividades cotidianas.



Quer saber mais?

VEJA A PROGRAMAÇÃO DE OFICINA EM PARATY/RJ

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)



A condução dessas oficinas participativas deve concentrar-se na **convocação de participantes** que representem a diversidade de interesses e usos da orla, valorizando igualmente todos os sujeitos e segmentos legais que “vivem” o território. Ou seja, a quantidade de participantes é muito importante, mas tão importante quanto a **diversidade de representantes e discursos**, que também enriquece o debate e indica melhores caminhos para o planejamento da orla.

Entretanto, contar com um número significativo e diversificado de participantes não é sinônimo de sucesso. É preciso ainda garantir, por meio de **mecanismos pedagógicos**, a participação, a fala e a liberdade de expressão de todos os presentes, inibindo toda e qualquer tentativa de hierarquização de saberes e relações de poder. Exatamente todos os presentes (inclusive virtualmente) devem ter assegurado igual

direito à manifestação dentro da dinâmica da oficina. Assim, a metodologia de condução escolhida deve permitir a participação de **grupos heterogêneos**, podendo, por exemplo, utilizar-se de cartelas coloridas que seriam distribuídas para cada participante para que se coloquem diante dos assuntos debatidos, promovendo a participação e discussão, sendo depois fixadas em quadros, favorecendo dessa forma a organização de ideais, síntese e acompanhamento do debate.

Os 10 municípios participantes do projeto BNP foram orientados ostensivamente sobre essas preocupações de participação e representatividade, alerta que permitiu que em diversas realidades o número de participantes tenha superado o esperado, como é o caso das oficinas participativas de São Sebastião/SP, Cabo Frio/RJ e Vila Velha/ES. Diversos foram os casos também em que participaram **representações historicamente silenciadas ou invisibilizadas**, como líderes de povos indígenas (Salvador/BA), ribeirinhos (Barreirinhas/MA e Imbé/RS), caiçaras (São Sebastião/SP), marisqueiras (Barreirinhas/MA), ambulantes e barraqueiros (Cruz/CE e Natal/RN), grupos culturais (Vila Velha/ES), barqueiros e pescadores (Angra dos Reis/RJ, Paraty/RJ e Cabo Frio/RJ).

É necessário esclarecer que, mesmo tomando todas as precauções, a quantidade de participantes ou representatividade nas oficinas pode não ser satisfatória. Foi o que aconteceu no município de Natal/RN, ao se perceber que durante a primeira etapa da oficina participativa representantes da orla da praia da Redinha não se fizeram presentes. Estratégias de mobilização e de superação do problema foram colocadas em prática com visitas de facilitadores e equipe do BNP ao local para reforçar a importância da participação daquele grupo no planejamento daquela orla turística. Para além disso, foi realizada uma **oficina complementar** no local, utilizando espaço de um templo religioso de fácil acesso. As contribuições desse encontro, que durou dois dias, foram incorporadas ao documento resultante da primeira etapa. Não tendo ocorrido o mesmo problema na segunda etapa.

O município de Paraty/RJ, reconhecendo a importância de integrar olhares de alguns **grupos setoriais**, após as etapas de oficinas, promoveu 4 encontros com representantes de setores diversos de modo presencial, contemplando as 5 orlas apreciadas anteriormente. A proposta era afinar e legitimar ainda mais os discursos e as proposições presentes nos documentos gerados. Ação semelhante, de modo virtual, foi desenvolvida nos municípios de Cabo Frio/RJ, Imbé/RS e Salvador/BA.

Diante do que foi colocado, percebe-se que a **inclusão** e a **participação** de todos são palavras de ordem no processo de planejamento e gestão das orlas turísticas.

## 8. Instrumentos resultantes do processo de planejamento participativo



Nesse ponto, você já tem em mente que a integração entre representantes de secretarias municipais, estaduais e federais, unidos aos demais atores sociais envolvidos na orla, através de diferentes etapas de planejamento, algumas mais de gabinete, outras públicas e participativas, colabora para a elaboração de documentos fundamentais para o plano de gestão da orla turística.

Nas experiências dos 10 municípios ligados ao BNP e guiados pela metodologia do Projeto Orla, podemos apontar os seguintes instrumentos:

- ♦ **Diagnóstico preliminar** – resultado de levantamento de dados gerais sobre a orla a planejar, normalmente produzido por membros de comissão municipal e facilitadores. Esse documento, que é resultado de pesquisa documental, de gabinete e visita técnica, traz informações e descritivos que nortearão o passo seguinte, que seria a Etapa 1 da Oficina de Planejamento Participativo.

- ◆ **Diagnóstico participativo** – produto de construção coletiva resultante da Etapa 1 da Oficina de Planejamento Participativo, partindo de provocações do diagnóstico preliminar e de discussões sobre as configurações físicas locais e usos, problemas, potenciais e projetos em implantação ou previstos, listando, para cada problema identificado, as atividades geradoras, os efeitos e os impactos. O documento final produzido é um refinamento do que foi elaborado na etapa anterior.
- ◆ **Minuta do Plano de Gestão Integrada da Orla (PGI)** – resultado da segunda Etapa da Oficina de Planejamento Participativo, baseado nos levantamentos do diagnóstico participativo, contempla um plano de ação para cada problema identificado, com respectivos prazos de realização. As ações ou medidas vêm acompanhadas de sua finalidade, prazo de realização e coordenação (responsável).
- ◆ **Consultas públicas** – após elaboração, a Minuta de PGI é amplamente divulgada por meio de redes sociais e sites do município, endereço virtual em que seja possível não apenas apreciar o documento, mas apresentar sugestões (normalmente por meio de formulários on-line) a serem incorporadas ao texto. Após cerca de 30 dias é finalizado o período de consulta pública, trazendo as novas contribuições para debate na comissão municipal e posterior adição à minuta do Plano de Gestão Integrada da Orla.
- ◆ **Envio para a Coordenação Estadual do Projeto Orla (CEPO)** – a versão mais atualizada da Minuta do PGI é então encaminhada para a CEPO, integrada a um dossiê contendo documentos complementares que versam sobre o histórico do processo de planejamento, pareceres, versão sintética do plano de ação e sugestão de formação de comitê gestor. A CEPO procede à análise dos documentos e, caso necessário, indica alterações para aprovação do produto que, após aprovado, é encaminhado para análise da Comissão Nacional do Projeto Orla (CNPO), sendo devolvido para o município após todo esse processo.
- ◆ **Comitê Gestor e Audiências públicas** – findo o período das análises da minuta do PGI por parte das coordenações estadual e nacional, a minuta do PGI é submetida ao exame público por meio de audiência pública, momento em que também é criado oficialmente o comitê gestor, normalmente paritário, com cadeiras para setor público, e cadeiras para mercado e sociedade civil, formalizada por ato executivo municipal. Essas representações terão o papel de acompanhar de perto a execução das ações de planejamento.



É importante lembrar a você, gestor(a), que esses documentos estão baseados na aplicação de uma metodologia específica, mas, de acordo com a metodologia adotada em seu município, outros documentos, além dos citados, podem ser concebidos.



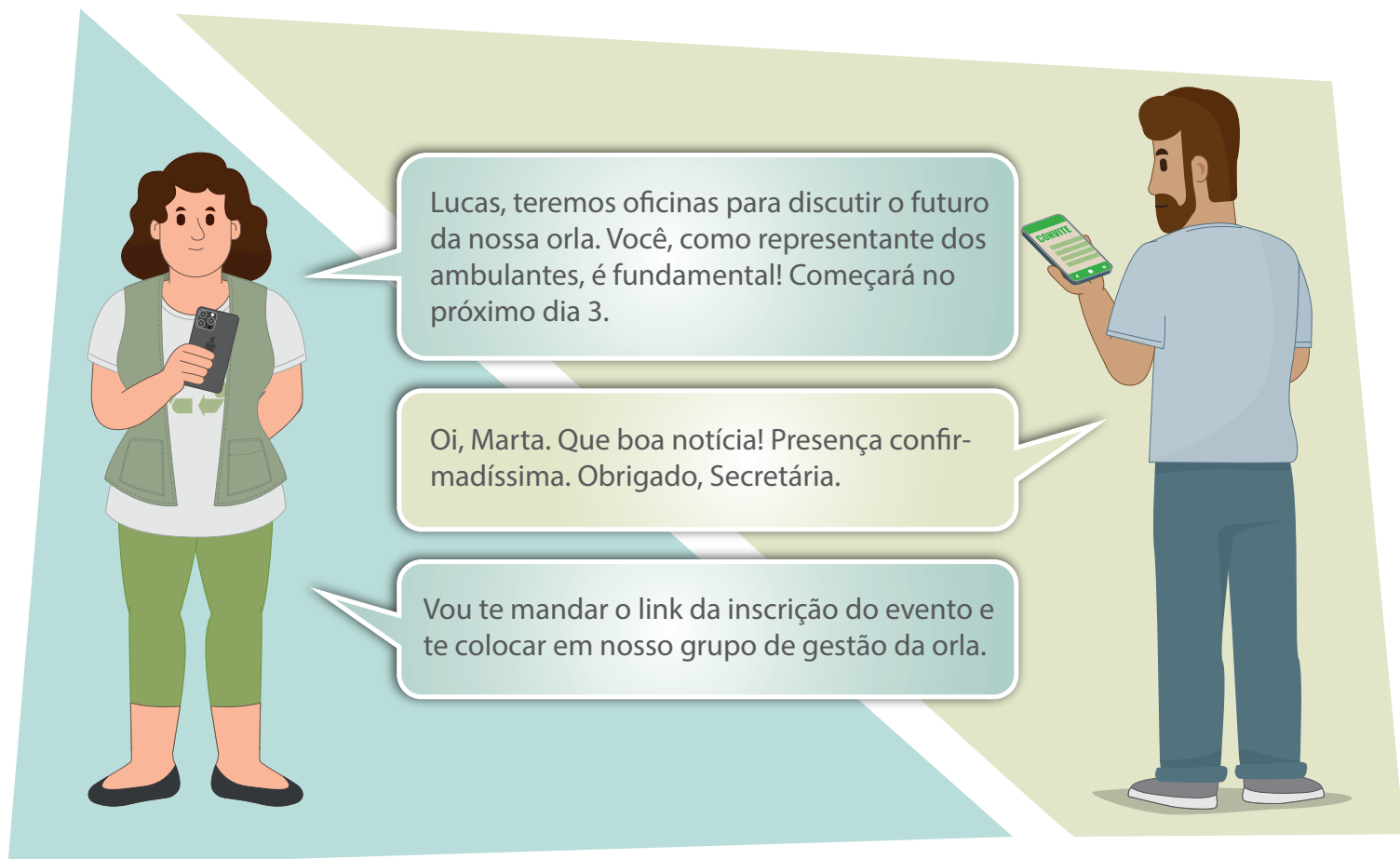
**Quer saber mais?**



ACESSE O SITE DO PROJETO. NA PASTA “MUNICÍPIOS”, VOCÊ PODERÁ VISUALIZAR DIVERSOS DOCUMENTOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DO PROJETO “BRASIL, ESSA É A NOSSA PRAIA”.

[www.brasilnossapraia.ufrn.br](http://www.brasilnossapraia.ufrn.br)

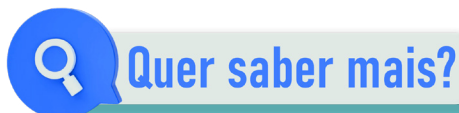
## 9. Alertas



**A** pesar de serem apresentadas, no decorrer desta cartilha, diversas orientações para subsidiar as atividades dos gestores, ainda existe espaço e necessidade de expor mais algumas boas ideias, bem como alguns alertas resultantes de aprendizados adquiridos durante o acompanhamento das ações do BNP nos 10 destinos turísticos:

- ◆ Para auxiliar na mobilização de participantes, durante oficinas de nivelamento em alguns municípios foram **coletados os contatos de e-mail e WhatsApp** de diversos atores, compondo listas que serviram de base para envio de convites.

- ◆ Com o propósito de melhor organizar as atividades, alguns municípios criaram links para **inscrição de participantes**. A ação permitiu saber antecipadamente um número estimado de participantes, representatividade de setores, contato das pessoas, entre outras informações.



Quer saber mais?



VEJA O FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DE OFICINA EM ANGRA DOS REIS.

[Clique aqui ou leia o QR Code para acessar](#)

- ◆ Em alguns dos municípios turísticos, o **calendário** das ações de planejamento teve de ser rigorosamente analisado para que não conflitasse com **períodos de alta estação**. Isso porque parte dos participantes das oficinas teria dificuldade de comparecer por trabalharem no setor de turismo e lazer.
- ◆ Em alguns casos em que as orlas a serem geridas são muito distantes, foi implantado um plano de gerenciamento da orla por meio de **células descentralizadas**, tendo como exemplo a realidade de municípios com orla continental e insular (ilhas). Essas células teriam reuniões de seus participantes para acompanhar as questões locais com frequência regular e outras reuniões periódicas juntando os participantes de ambas as unidades.
- ◆ É importante realizar estudos de **previsões climáticas** para os períodos de visita técnica, atividades de campo e oficinas participativas. Isso porque temporais, frentes frias, ressacas e enchentes podem gerar muitos transtornos e inviabilizar etapas, gerando prejuízos e colocando a vida dos participantes em risco.

## 10. Considerações finais



**A** atuação do Ministério do Turismo, ao articular a concepção do Projeto “Brasil, essa é a nossa praia!”, tendo como uma de suas missões realizar o acompanhamento da elaboração do planejamento de orlas turísticas brasileiras (marítimas, estuarinas, lacustres e fluviais), incentivou o desenvolvimento sustentável de uma paisagem importante do território brasileiro. Por meio da integração de saberes e fortalecimento de projetos ligados a meio ambiente, habitação, urbanismo, saneamento, desporto, cultura, patrimônio, pesca, lazer, trabalho e turismo, o exercício de planejamento evidenciado nesta cartilha abriu espaço para o diálogo entre as mais diferentes representações.

Com uso de metodologias democráticas de participação e com olhar empático e flexível às especificidades de cada destino, os casos de planejamento de orla relatados não devem, nem podem, ser vistos como um padrão a ser seguido ou uma rota pre-estabelecida e limitante, mas sim como uma orientação, com indicações, sugestões e aberta a atalhos e rotas alternativas, que possa ser inspiradora para gestores desejosos por pensar orlas turísticas aprazíveis para residentes e visitantes. Com essa proposta, o Projeto “Brasil, essa é a nossa praia!” torna-se referência em acompanhamento de

planos de gestão de orlas turísticas, mais que isso, um importante acervo documental que ajuda a nortear de modo didático a condução desse tipo de processo. Todos os materiais desenvolvidos durante a execução do projeto estão disponíveis no site [www.brasilnossapraia.ufrn.br](http://www.brasilnossapraia.ufrn.br) desde os elaborados pela equipe de acompanhamento, até os produzidos em cada etapa nos municípios.

Esperamos que esta cartilha tenha motivado de alguma maneira a você, gestor(a) público(a), mas também lideranças e representações ligadas às orlas brasileiras a pensarem conjuntamente o seu futuro.

# BRASIL

ESSA É A NOSSA PRAIA 



MINISTÉRIO DO  
TURISMO

